

---

## Editoras após enchentes no Rio Grande do Sul: resistência e edição<sup>1</sup>

Marília de Araujo BARCELLOS<sup>2</sup>

Ana Clara Lima RIBEIRO<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, RS / Pontifícia Universidade Católica, RS

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, MG

### RESUMO

No cenário de perdas irreversíveis em consequência das fortes chuvas que atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024, este trabalho se debruça sobre as estratégias escolhidas pelas casas editoriais impactadas pelas enchentes. A análise fundamenta-se nas teorias de Roger Chartier, Pierre Bourdieu e John B. Thompson, complementada por entrevistas conduzidas pelas autoras em um mapeamento da zona de risco de inundação de Porto Alegre. Nesse cenário, destaca-se o cruzamento de práticas editoriais tradicionais e não tradicionais, que contemplam as necessidades das editoras nesse momento de crise e possibilitam saídas inovadoras no contexto de cada uma.

**PALAVRAS-CHAVE:** mercado editorial; enchentes no RS; estratégias de publicação; negócio do livro.

### 1. INTRODUÇÃO

Em maio, as águas do Lago Guaíba adentraram a cidade de Porto Alegre em decorrência das fortes chuvas no Rio Grande do Sul, alagando ruas e estabelecimentos em bairros do município, dentre os quais os pertencentes ao 4º Distrito, onde estavam localizados em depósitos e escritórios de editoras, gráficas e distribuidoras de livros. Parte das empresas tiveram seus estoques diretamente atingidos e todas tiveram algum tipo de impacto, seja em função da paralisação do transporte, da falta de energia elétrica, da dificuldade de acessar seus prédios, entre outros obstáculos.

Quando olhamos para acontecimentos causados por incidentes climáticos, como é o caso dos danos em livros impressos, ocorre pensar: o que vai acontecer com esses exemplares que não podem ser utilizados por que estão molhados, contaminados,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFSC). Dra em Letras (Puc-Rio). Em estágio Pós-doutoral na Escola de Comunicação, Artes e Design- FAMECOS (PUCRS), email: [mariliabarcellos@gmail.com](mailto:mariliabarcellos@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e Bacharel em Comunicação Social - Produção Editorial (UFSC), email: [anaribeiroun@gmail.com](mailto:anaribeiroun@gmail.com)

---

impedidos de serem manuseados sem luvas, e como as editoras afetadas se mantêm no mercado diante de uma adversidade essencialmente ambiental? Nesse sentido, este trabalho registra formas e ações que as empresas atingidas diretamente pelas inundações de 2024 em Porto Alegre realizam para se reestruturar a si e ao mercado.

Desdobramos a investigação a partir de estudiosos da indústria do livro e da cultura como Roger Chartier (2014), Pierre Bourdieu (1999) e John B. Thompson (2021), em cruzamento com os resultados das entrevistas realizadas pelas autoras em função do mapeamento da zona de risco de Porto Alegre realizado no projeto de pesquisa *Indústria do livro: meio ambiente, impactos e reconstrução*<sup>4</sup>, concentrando-se nas estratégias editoriais e tendências de descentralização da produção.

## 2. O PAPEL IMPERMEÁVEL DAS EDITORAS

Em uma conjuntura em que os meios digitais viabilizam cada vez mais sistemas de autopublicação, tem sido questionada a importância das editoras no mercado editorial. Conforme Thompson (2021), as editoras conectam os intermediários da cadeia do livro, equilibrando qualidade, originalidade e potencial mercadológico e, enquanto empresa, mobiliza colaboradores de diferentes setores e corre riscos para que a publicação aconteça.

Mesmo que terceirize essas atividades, é a editora quem fica responsável por gerenciar os processos, prever orçamentos e idealizar tiragens a fim de entregar o melhor produto para o consumidor final e manter a roda girando. Além disso, a editora cumpre o papel de curadora, selecionando conteúdo e garantindo que ele seja publicado. Segundo o autor, “não basta criar conteúdo e fazer a sua curadoria, investir nele e produzir um livro: um livro não está publicado se apenas seu criador toma conhecimento dele” (Thompson, 2021, p. 501).

Das editoras contatadas, a maioria se configura como pequena ou média editora, como a Dublinense, que trabalha com uma equipe de oito pessoas, e a Libretos, com

---

<sup>4</sup> A pesquisa, realizada pelas autoras em maio de 2024, dimensiona os estragos ocorridos na indústria do livro, focando nas editoras situadas no 4º Distrito, em Porto Alegre, que foram diretamente afetadas pela inundação em seus depósitos e sedes devido às recentes enchentes que atingiram o estado. O levantamento de dados, a tabulação e a análise foram realizados simultaneamente às inundações, permitindo maior proximidade com as empresas contatadas, ainda sob o impacto do evento. Os dados são aproximados, uma vez que, em muitos casos, o acesso ao local atingido não era possível. Por outro lado, além dos dados quantitativos, houve também uma troca psicológica e afetiva.

---

apenas três. O impacto disso é que, em situação de calamidade como essa, se a editora é atingida em nível local, fica quase impossível seguir trabalhando. Foi esse o caso da Editora Coragem, que, mesmo não tendo estoque atingido diretamente, passou um período impossibilitada de seguir com os projetos:

Sim, somos três pessoas aqui. Eu estava organizando nossos eventos na Feria Internacional del Libro de Buenos Aires e devido ao fechamento das estradas, [...] estou aqui até então pela impossibilidade de retorno. Nathália vive no centro de Porto Alegre e teve que ir para casa de amigos em outro bairro da cidade, passando quase todo tempo sem energia elétrica nem água potável. Até então não conseguiu retornar ao trabalho, e está trabalhando como voluntária em uma cozinha comunitária. Camila também vive no centro de Porto Alegre e teve que ir para o litoral com o filho. (Vieira, 2024)

No momento da entrevista, nenhum dos três tinha perspectiva de retorno para casa. Além de perdas de livros que estavam consignados em livrarias atingidas, a editora terá que arcar com perdas de prazos de editais e adiamento de eventos para os quais haviam feito investimentos pela impossibilidade dos autores saírem do Rio Grande do Sul. O relato demonstra o que Thompson (2021) afirma sobre o papel da editora: em momentos de crise como é o caso da catástrofe ambiental do Rio Grande do Sul, a é a editora que arca com os prejuízos e que precisa se mobilizar para pensar em novas estratégias e garantir que os livros sejam publicados.

### **3. REIMPRIMIR, REESCREVER E RECOMEÇAR**

Em 2024 o campo editorial se mostra com conteúdos publicados em muitos formatos, dispositivos e plataformas que não existiam anos atrás: impressão sob demanda, financiamento coletivo, modalidades de publicação ao mesmo tempo que lógicas cambiantes de comercialização, divulgação, enfim das relações no campo editorial. Quando falamos em revolução tecnológica, nos referimos a uma série de inovações digitais que mudaram radicalmente a forma de comunicação e produção em massa. Vale destacar que, conforme Chartier (2014), toda inovação proporciona uma coexistência única de práticas antigas com novas tecnologias:

Toda vez que tal mudança ocorreu, a cultura escrita conferiu novos papéis a velhos objetos e práticas: o rolo na era do códice, publicação manuscrita na era da impressão. É exatamente uma tal reorganização da cultura escrita que a revolução digital requer, e pode-se supor que, como no passado, escritos serão redistribuídos entre os velhos e novos suportes que permitam sua inscrição, sua publicação e sua transmissão. (Chartier, 2014)

Ou seja, as práticas editoriais não se substituem: práticas antigas se resignificam em novas atribuições mais alinhadas com o contexto em que estão inseridas. Ainda assim,

---

essas mudanças tiveram um impacto estrutural na indústria ao subverter o modelo tradicional das casas editoriais que agora precisa aprender a se concentrar no público final: o leitor, segundo Thompson (2023). O autor coloca que

E assim como a revolução digital forçou essa mudança sobre os editores, ela também disponibilizou para eles uma variedade de novas ferramentas com as quais eles poderiam construir canais diretos de comunicação com os leitores, e ainda em grande escala. (Thompson, 2023, p. 19)

Em tempo relâmpago, a Avec elaborou o livro “Contos pelo Rio Grande”, uma coletânea de contos fantásticos reunindo 24 autores para arrecadar doações para as vítimas da tragédia. Essa iniciativa só foi possível por causa da natureza do e-book, que, livre das burocracias de impressão, acabamentos e armazenamento, pôde ser organizado, produzido e distribuído em menos de uma semana sem grandes gastos.

A editora Jambô organizou uma campanha de pré-venda solidária para o livro “Jornada Heroica: Guerra Artoniana”. O romance, que já estava pronto, deveria ser colocado em pré-venda no dia 6 de maio, porém, devido à situação do Rio Grande do Sul, a Jambô resolveu lançá-lo na forma de financiamento coletivo para arrecadar o que for possível para reestruturar a editora e ajudar as vítimas do desastre. A meta era de R\$ 50.000, mas a campanha conseguiu mobilizar 2.656 pessoas e acumulou um total de R\$ 699.697, quase quinze vezes o valor esperado.

Dentre o catálogo das editoras sediadas na capital gaúcha encontramos obras que tratam a temática da crise climática como é o caso do livro “A enchente de 41”, de Raphael Guimarães, em que aborda criticamente o primeiro grande desastre climático no qual a cidade foi acometida. Livro publicado pela editora Libretos, alerta para a relevância da memória para compreendermos o hoje. A casa editorial anunciou em seu site e redes sociais a reimpressão do livro A enchente de 41, cujos exemplares foram perdidos na enchente de 2024. Os interessados deveriam entrar em contato com a editora Clô Barcellos através de seu número de telefone para fazer uma reserva do livro, que tem previsão para ser entregue em junho. Como a Libretos perdeu todo o estoque, essa forma de impressão por reserva – com aspectos semelhantes ao financiamento coletivo e à impressão sob demanda – evita mais prejuízos financeiros.

Com essas transformações na produção, o funcionamento interno das editoras também mudou, e muitas passaram a funcionar com equipes descentralizadas, fator que fez com que a editora Avec não precisasse interromper seu funcionamento mesmo tendo uma grande perda no estoque que ficava em Porto Alegre. Conforme o editor Arthur

---

Vecchi, a Avec já foi criada descentralizada e desde 2014 seus diagramadores, revisores e autores estão espalhados pelo Brasil (Vecchi, 2024). Eduardo Krause, da Dublinense, compartilhou que “já faz alguns anos, no início da pandemia, que passamos todo o nosso estoque de Porto Alegre para São Paulo, com envios terceirizados por uma empresa de lá, diretamente vinculada ao nosso site” (Krause, 2024).

A descentralização dos espaços também foi responsável por possibilitar que a Hipotética levasse seus lançamentos para o FIQ (Festival Internacional de Quadrinhos), em Belo Horizonte. Depois de ter os livros afundados na água, a editora conseguiu contato com gráficas de São Paulo e Minas Gerais, que possibilitaram a reimpressão dos originais e o envio direto para o evento. A editora também criou um selo que foi adicionado aos exemplares que estavam armazenados em Porto Alegre mas não foram danificados pela água, atribuindo a esses livros um novo valor simbólico representativo do status de sobrevivente: os livros que escaparam da tragédia de 2024.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território abordado na pesquisa, o 4º Distrito de Porto Alegre, atraiu investidores por meio de um projeto de revitalização. Para empreendedores que se sentiram estimulados, pode não ter sido a melhor escolha. O levantamento, junto às informações divulgadas pelas instituições governamentais, mostra a dimensão da catástrofe na região, com perdas materiais e imateriais irreversíveis, como se pode comprovar a partir dos relatos. Diante disso, resta a reconstrução do mercado editorial em meio à reconstituição de toda uma economia que envolve todos os setores.

Das iniciativas observadas, a maioria parte de uma natureza solidária, buscando não só se reconstruir, mas também arrecadar doações para aqueles que perderam tudo. As editoras exercem um papel essencial nessa construção, agindo como um elo que une autores, gráficas, distribuidoras, livrarias e profissionais do livro. No caso das pequenas e médias editoras, a movimentação é ainda mais forte, uma vez que, além da necessidade financeira de continuar funcionando, o incentivo vem do amor à literatura e da satisfação pessoal em fazer e publicar livros. Segundo Bourdieu,

De fato, enquanto houver representantes para apoiar os pequenos editores, pequenos editores para publicar jovens autores desconhecidos, livreiros para propor e promover livros de jovens escritores publicados por pequenas editoras, críticos para descobrir e defender uns e outros – de fato, todas ou quase todas mulheres – em seu trabalho sem contrapartida econômica, realizado “por amor à arte” e “para o amor da arte”, haverá um *investimento*

---

*realista*, capaz de receber um mínimo de reconhecimento material e simbólico.  
(Bourdieu, 1999, p. 243)

Nesse contexto, conclui-se que as editoras são fundamentais na reconstrução da indústria editorial em momentos de crise por cumprir o papel de pensar em estratégias para continuar publicando, independente dos obstáculos, como é o caso da publicação inédita da Avec, do selo da Hipotética, do financiamento coletivo da Jambô e da reimpressão do livro da Libretos. Os meios digitais e os avanços tecnológicos intercedem nesse processo como facilitador de meios, recursos, e principalmente, aproximando os leitores e as editoras, mesmo em um cenário geograficamente distante. Contudo, o que de fato possibilita esse movimento no mercado editorial, mesmo diante de tamanha catástrofe, é a confiança e carinho dos editores e editoras para com seus originais e sua missão indiscutível de fazer com que a literatura continue a circular.

## REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Clô; Libretos Editora. 2024. Entrevista cedida a Ana Ribeiro em 15 de maio de 2024.
- BOURDIEU, Pierre. **Uma revolução conservadora na edição**. Tradução de Luciana Salazar Salgado e José de Souza Muniz Jr. Publicado originalmente em: BOURDIEU, Pierre. Une révolution conservatrice dans l'édition. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. v. 126-127, mars 1999. Édition, Éditeurs (1), p. 3–28.
- CATARSE. **Jornada Heroica: Guerra Artoniana** por Jambô Editora. 2024. Disponível em: <<https://www.catarse.me/guerraartonia>>. Acesso 19/05/2024.
- CHARTIER, Roger. **A Mão do Autor e a Mente do Editor**. Trad. George Schlesinger. São Paulo, Editora UNESP, 2014.
- KRAUSE, Eduardo; Editora Dublinense. 2024. Entrevista cedida a Ana Ribeiro em 14 de maio de 2024.
- MEDEIROS, Iriz; Editora Hipotética. 2024. Entrevista cedida a Ana Ribeiro em 16 de maio de 2024.
- SOARELE, Karen. Editora Jambô. 2024. Entrevista cedida a Ana Ribeiro em 15 de maio de 2024.
- THOMPSON, John B. **A guerra dos livros: a revolução digital no universo editorial**; traduzido por Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- VECCHI, Arthur. 2024. Entrevista cedida a Ana Ribeiro em 14 de maio de 2024.
- VIEIRA, Thomas, Editora Coragem. 2024. Entrevista cedida a Ana Ribeiro em 14 de maio de 2024.